

NOVA REPÚBLICA E CLASSES MÉDIAS NO DISCURSO DE ABRAHAM WEINTRAUB: UMA ANÁLISE DA IDEOLOGIA NEOFASCISTA

Arthur Salomão¹²

Resumo: Tendo como ponto de partida pesquisas que caracterizam o governo de Bolsonaro como neofascista, o objetivo deste artigo é examinar a produção cultural e ideológica do movimento neofascista brasileiro a partir de um caso paradigmático: as ideias de Abraham Weintraub, ex-ministro da Educação, aluno de Olavo de Carvalho e importante quadro do bolsonarismo. A análise do material de observação, isto é, palestras promovidas em eventos conservadores e pronunciamentos oficiais e informais feitos por Weintraub, é realizada à luz de elementos da ideologia e do movimento fascista destacados pela literatura marxista – anticomunismo, crítica superficial ao capitalismo e à democracia burguesa, culto da violência, irracionalismo, nacionalismo autoritário e conservador e participação das classes médias na formação do movimento. A articulação desses elementos no discurso de Weintraub dão forma a uma espécie de “interpretação neofascista da Nova República”, na qual essa é concebida como um “mecanismo” montado para beneficiar e concentrar o poder político e econômico nas mãos da elite oligarca e comunista.

Palavras-chave: Classes médias. Neofascismo. Governo Bolsonaro. bolsonarismo.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do IFCH/UNI-CAMP. Bolsista de Mestrado pelo CNPq entre 2020-2022. Possui graduação em Ciências Sociais pela mesma instituição.

² Agradeço aos generosos colegas Armando Boito, Sávio Cavalcante e Eduardo Rezende Pereira, bem como aos pareceristas da revista, pelo estímulo, leitura, sugestões e críticas. Todavia, é oportuno recordar que o conteúdo do artigo é de minha inteira responsabilidade.

Abstract: Taking as a starting point papers that characterizes the Bolsonaro government as neofascist, the purpose of this article is to examine the cultural and ideological production of the Brazilian neofascist movement from a paradigmatic case: the ideas of Abraham Weintraub, former Minister of Education, student by Olavo de Carvalho and an important member of bolsonarismo. The analysis of the observation material, that is, lectures promoted at conservative events and official and informal pronouncements made by Weintraub, is carried out based on elements of the ideology and fascist movement highlighted by Marxist literature – anti-communism, superficial criticism of capitalism and liberal democracy, cult of violence, irrationalism, authoritarian and conservative nationalism and participation of the middle classes in the formation of the movement. The articulation of these elements in Weintraub’s discourse gives shape to a kind of “neofascist interpretation of the New Republic”, in which it is conceived as a “mechanism” set up to benefit and concentrate political and economic power in the hands of the oligarchic and communist elite.

Keywords: Middle classes. Neofascism. Bolsonaro government. Bolsonarismo.

1. Introdução

A ascensão política de líderes de extrema-direita no mundo todo acendeu o alerta de pesquisadores, acadêmicos e também de alguns comentaristas políticos espalhados pela imprensa. Dentre os intelectuais que poderiam ser qualificados como pertencentes ao campo progressista, o consenso é que a democracia está ameaçada. Disso, realmente poucos discordam. No entanto, desde então, a busca por um conceito que qualifique o fenômeno Bolsonaro e o movimento de extrema-direita que apoia seu governo têm tomado conta de parte do campo progressista brasileiro.

Dentre os variados termos colocados na mesa, um suscitou polêmicas. Seria o bolsonarismo uma espécie de fascismo? Em artigos publicados desde 2019, o cientista político Armando Boito Jr defende

a tese segundo a qual o movimento encabeçado por Bolsonaro pode ser caracterizado como neofascista. Em termos resumidos, o autor rechaça que o fascismo seria um fenômeno histórico irrepetível e exclusivamente sinônimo de ditadura fascista, pois ainda seria preciso levar em conta outros dois elementos essenciais da forma ditatorial fascista, isto é, a ideologia que lhe serve de base e o movimento que luta pela sua implantação³. Em alternativa, inspirado em autores como Togliatti (1978) e Poulantzas (2020), sustenta a legitimidade teórica de um conceito geral de fascismo: o fascismo é uma ditadura cujo regime político é um regime reacionário de massa.

Embora “massa” seja um termo pouco rigoroso, seu uso se justifica por fornecer o elemento fundamental de distinção entre o fascismo e outras formas ditatoriais: o contingente de apoiadores ativos e mobilizados fora do bloco no poder. Diferentemente da ditadura militar, a ditadura fascista opera agitando e organizando as classes médias e disputando as classes populares. Assim, a massa não é um agregado amorfo de indivíduos aleatórios, pois conforme autores marxistas, como Gramsci (1979) e Guérin (2021), é no seio das camadas intermediárias da sociedade capitalista – pequena-burguesia e classes médias – que se desenvolve o movimento fascista.

Por efeito, a ideologia que sedimenta esse movimento está marcada pelo pertencimento de classe de sua base social. Melhor dizendo, por ser um movimento reacionário enraizado nas camadas intermediárias da sociedade capitalista, sua ideologia está carregada por referências dessa classe. Sendo assim, segundo Boito Jr. (2021), a ideologia fascista é uma ideologia crítica, mas de uma perspectiva conservadora e superficial. No conteúdo dessa ideologia figuram alguns elementos comuns, a saber: anticomunismo e luta por eliminação da

³ A consequência mais importante dessa tese é a possibilidade de haver um movimento fascista organizado – seja através de um partido ou não – independentemente da presença de um regime fascista. Em outros termos, o fascismo não é reconhecido apenas em conjunturas nas quais vigoram um regime ditatorial fascista, pois o movimento e a ideologia que lhe dão suporte podem subsistir em regimes democráticos.

esquerda; discurso superficialmente crítico e conservador da economia capitalista e da democracia burguesa; culto da violência; irracionalismo; nacionalismo autoritário e apegado a valores tradicionais.

Munido desse arcabouço e estabelecendo comparações e identificando distinções entre o fascismo original e a situação brasileira, Boito Jr (2021) sustenta que o neofascismo é uma realidade no Brasil. Seu argumento é que atualmente, no caso brasileiro, temos um governo predominantemente neofascista, pois está baseado em um movimento e uma ideologia neofascista, embora o regime político brasileiro não esteja sob uma ditadura neofascista.

Este breve artigo está em concordância com tal tese e, por consequência, nestas páginas, teceremos contribuições pontuais à literatura que busca sustentar que o bolsonarismo pode – e deve – ser lido como um movimento neofascista. Para isso, faremos o recorte de um caso paradigmático do que consideramos ser a produção cultural e ideológica do movimento neofascista brasileiro: o discurso de Abraham Weintraub⁴, ex-ministro da Educação e aluno de Olavo de Carvalho⁵, portanto, importante quadro do bolsonarismo. Assim, a escolha deste ex-ministro se dá por sua influência no governo de Bolsonaro e por

⁴ Para os leitores que não se recordam, Abraham Weintraub integrou a equipe do governo de transição e, em seguida, foi nomeado ministro da Educação do governo Bolsonaro, entre abril de 2019 e junho de 2020, após a saída de Ricardo Vélez Rodríguez. Filho de um ex-professor de psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP) e formado em economia pela mesma instituição de ensino superior, Abraham Weintraub é professor licenciado da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e, durante muito tempo, foi executivo do mercado financeiro. De forma recorrente, enquanto parte do governo Bolsonaro, Weintraub foi considerado membro da chamada “ala ideológica”, termo que a grande imprensa cunhou para tentar distinguir as influências internas ao governo Bolsonaro, mas que, ao nosso ver, nada mais é do que um eufemismo para designar a ala representante do movimento neofascista, como também era o ex-ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo.

⁵ De acordo com Teitelbaum (2020, p. 151), Olavo de Carvalho teve participação importante na composição ministerial do governo Bolsonaro. Primeiro, ele foi convidado para ser Ministro da Educação, mas recusou o cargo por motivos pessoais. Em seguida, fez algumas indicações de confiança, como Ernesto Araújo, para o ministério de Relações Exteriores, e Ricardo Vélez, para o ministério da Educação.

seu ativismo conservador em espaços de formação política abertos e fechados, isto é, em *lives* disponíveis em seu canal na plataforma *YouTube* e palestras em eventos presenciais e virtuais.

De forma resumida, o objetivo deste texto é identificar e analisar no discurso de Abraham Weintraub elementos que remetam ao fascismo. Para isso, como materiais de observação, exploramos vídeos disponíveis no *YouTube*, comunicações e palestras oferecidas por Abraham Weintraub. A questão que nos guia é: em que medida é possível identificar elementos fascistas no discurso de Abraham Weintraub? Assim, adiantando o nosso argumento principal, o texto aponta que Weintraub tem apresentado ideias que contêm componentes de uma ideologia neofascista e que ajudam a conformar um movimento neofascista.

De antemão, fazemos duas breves ressalvas. Em primeiro lugar, não mobilizaremos a Análise do Discurso para interpretar as palestras de Weintraub, o que de fato seria pertinente, mas está fora do escopo deste artigo. Nosso objetivo é mais simples, pois se trata de discutir as ideias de Weintraub à luz dos elementos que remetem ao fascismo, como o anticomunismo e a crítica superficial e conservadora às elites e ao capitalismo. Além disso, aspectos importantes da ideologia e do movimento neofascista serão expostos não com a intenção de construir uma lista com as características que devem ser sempre identificadas com o fascismo. Ao contrário disso, busca-se discutir como esses elementos se relacionam com o movimento fascista e em que medida tais elementos se apresentam no movimento neofascista brasileiro.

O artigo está dividido em mais três partes, além desta introdução. Os dois tópicos seguintes são dedicados à análise das ideias de Abraham Weintraub. No primeiro, demonstramos quais traços importantes do neofascismo estão presentes nos discursos do ex-ministro. Em seguida, exploramos um aspecto essencial do movimento neofascista brasileiro: a exaltação e a localização das classes médias no centro de seu projeto político. Por último, retomamos o argumento e tecemos algumas considerações ao final do artigo.

2. A interpretação neofascista da Nova República e os elementos fascistas presentes nos vídeos de Weintraub

Nesta seção, nosso argumento é que parte dos elementos fascistas mencionados acima - anticomunismo, discurso superficialmente crítico da economia capitalista e da democracia burguesa; culto da violência; irracionalismo; nacionalismo autoritário e conservador – podem ser encontrados nos discursos analisados de Weintraub. Nosso material de observação consiste em, fundamentalmente, dois vídeos: uma palestra gravada para o Congresso Online do Movimento Brasil Conservador (MBC) e uma palestra proferida presencialmente no *Conservative Political Action Conference* (CPAC). Em um primeiro momento, faremos uma descrição do conteúdo dos vídeos recorrendo aos termos exatos empregados por Weintraub. Logo em seguida, passaremos à análise dos elementos fascistas identificados nas palestras.

Em seu conjunto, as intervenções de Weintraub a) fornecem um diagnóstico da Nova República, discutindo as especificidades das três forças que dominaram esse período – a esquerda, os oligopolistas e os corruptos, e b) apontam, ao final, quais são os objetivos e as estratégias de um movimento que lute pelo extermínio desse “mecanismo”⁶ e em defesa da liberdade. Adiantamos, com relação ao diagnóstico, que as duas palestras mencionadas contêm o que podemos considerar uma “interpretação neofascista da Nova República”, isto é, um diagnóstico calcado nos elementos da ideologia neofascista acerca do período que se inicia após a redemocratização.

Na concepção de Weintraub, a Nova República foi uma “estrutura montada pela inteligência esquerdófila, no final do regime militar”⁷

⁶ O termo mecanismo, utilizado em inúmeras ocasiões por Weintraub, denota a estrutura que foi montada na Nova República para beneficiar as três forças e impedir que qualquer alternativa de combate fosse exitosa, permitindo a reprodução das famílias de oligarcas esquerdistas bilionários e a conservação do poder político e econômico.

⁷ O que inclui também os governos tucanos do “esquerdista” Fernando Henrique

que, por consequência, originou aquilo que ele denomina “as três forças que destruíram o Brasil” (WEINTRAUB, 2020). Começamos expondo mais detalhadamente quais são as três forças que, segundo Weintraub, foram responsáveis por criar uma estrutura que gradualmente transformaria o país em um “paraíso esquerdista”, destruindo “a família, os valores e diferenças entre sexo”, mas que desencadeou “crescimento baixo, o Brasil ficando para trás em indicadores sociais, sofrimento, instabilidade e violência”.

A primeira das forças mencionadas é a “esquerda”. Segundo Weintraub, a “*intelligentsia esquerdófila*” tem por objetivo destruir os dois pilares do mundo ocidental: a base racional oriunda do pensamento greco-romano e a cultura judaico-cristã. Em outros termos, todos aqueles que, sob o discurso da exploração do proletariado, buscam extinguir a racionalidade científica e os valores religiosos através de um “projeto totalitário de poder” conduzido por um ditador demagogo que manipula as massas empobrecidas e sem valores. Os espaços de reprodução de suas variadas vertentes, “gramscistas, frankfurtianos, stalinistas, sindicalistas velha guarda”, são a política partidária e as universidades.

Em seguida, Weintraub aborda o que seria a mais poderosa das três forças: os monopólios e oligopólios. Segundo ele, os principais setores da economia brasileira estão atualmente concentrados nas mãos de poucos grandes empresários que, mediante empréstimos do BNDES e isenções tributárias, “conseguiram uma parte da economia para chamar de sua”, definindo um alto preço para as mercadorias e extraíndo o máximo daqueles que “tem sangue para tirar”. Aqui, a referência é direta à política dos campeões nacionais implementada pelos governos neodesenvolvimentistas do PT (BOITO JR, 2018), pois Weintraub cita exatamente os setores econômicos em que se

Cardoso (PSDB), cuja composição ministerial também refletia a influência da *intelligentsia* esquerdófila, como é o caso do “socialista” e ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), José Serra (PSDB).

encontravam – nos termos utilizados: bancos, proteína animal, papel e celulose, açúcar e álcool, bife e empreiteiras.

Por fim, todos aqueles interessados em práticas corruptas de favorecimento próprio, como políticos, funcionários públicos e lobistas, ocupam o lugar de terceira força destrutiva. Percebam, como Weintraub faz questão de destacar, que a corrupção não se restringe ao universo da política partidária, mas está espalhada pela “máquina estatal”. Diferentemente das forças anteriores, os corruptos não são motivados por alguma causa maior, mas desempenham uma função de rotina nesse “mecanismo”: permitir a dominação da “elite endinheirada de esquerda”. Assim, corrompidos pelo dinheiro, eles se tornam o cimento dessa associação e permitem que a engrenagem se mova.

No vídeo gravado para o Congresso do MBC, Weintraub dispõe as três forças em um Diagrama de Venn, no qual os círculos sobrepostos estabelecem a união das forças e as possíveis relações entre cada uma delas (Diagrama I).



Diagrama I – Representação visual extraída da palestra gravada para o Congresso Online do Movimento Brasil Conservador (MBC) e elaborada por Abraham Weintraub.

Na palestra proferida no encontro do CPAC, Weintraub vai além e dispõe as três forças numa espécie de estratificação da sociedade em quatro camadas: a) o “crackeiro” ou lumpesinato – caracterizado pela ausência de moradia, de propriedades, de família, de emprego e de religião, o que o torna massa de manobra; b) o inimigo [do mecanismo] ou a família – o trabalhador com família e valores judaico-cristãos; c) o comunista vocacional ou baixo clero – tem ofício e renda, mas não tem identidade e nem família, vivendo pela causa comunista; d) o comunista dinástico ou oligarca do alto clero – dono de uma grande empresa ou banco que é comunista (WEINTRAUB, 2019).

Em resumo, Weintraub julga estar enfrentando uma “aliança espúria” entre essas três forças – os oligopolistas, os esquerdistas e os corruptos – cuja estratégia é elaborada pelos oligarcas e comunistas visando um projeto totalitário de poder. Aos oligarcas, cabe o papel de financiar as campanhas em troca da manutenção de seu poder econômico. Aos comunistas, cabe a estratégia do movimento: domínio cultural e desestruturação do mundo ocidental ludibriando eleitoralmente as massas. Muitas das vezes, os comunistas e os biliardários estão “unidos umbilicalmente”, pois são membros da mesma família, formando a “*intelligentsia* de esquerda biliardária”. Aos corruptos, resta o carimbo de permissão. O que está em jogo: a liberdade das “nossas famílias”.

Os elementos fascistas destacados por Boito Jr (2021) em consonância com a literatura marxista saltam aos olhos durante as exposições de Weintraub, sobretudo o anticomunismo, o discurso superficialmente crítico acerca do capitalismo e o nacionalismo conservador e reacionário. A união dos três conformam um tipo de teoria da conspiração na qual elites econômicas se associam aos comunistas para perpetuar uma dominação política, econômica e cultural, destruindo os valores judaico-cristãos e as bases do pensamento ocidental. Passemos à nossa análise e vejamos mais detalhadamente como esses aspectos se manifestam.

Em primeiro lugar, é claro que, nesse caso, os elementos são filtrados pelas condições atuais da formação social brasileira, como ocorre, por exemplo, com o anticomunismo. O neofascismo brasileiro não enfrenta um movimento operário de massa com forte atuação dos partidos socialistas e comunistas, como enfrentou o fascismo original. Os atuais comunistas, para o neofascismo, são grosso modo os petistas. A esquerda que os neofascistas combatem é majoritariamente representada pelo reformismo fraco dos governos petistas, com destaque especial para a política neodesenvolvimentista e o apoio dos trabalhadores da massa marginal.

Nesse sentido, é plausível interpretar as menções aos grandes oligopólios e à massa de manobra como referências explícitas à burguesia interna – acima de tudo os campeões nacionais – e aos trabalhadores da massa marginal. Mais do que isso, o reconhecimento de uma plataforma política que conectou banqueiros comunistas, partido político com projeto totalitário e massa de eleitores pobres evidencia uma leitura neofascista da constituição da frente neodesenvolvimentista e de seus governos.

Convém notar que a aliança entre burguesia interna e governos do PT, os chamados inimigos⁸ do movimento, remete ao que os nazistas concebiam como banqueiros judeus comunistas. De acordo com Ian Kershaw (2007), conhecido biógrafo de Hitler, o ódio do Führer alemão aos judeus era em parte motivado pela sua aversão ao marxismo. Dito de outra forma, ainda que seja difícil encontrar o motivo exato para o ódio aos judeus e embora os judeus fossem associados por Hitler a variados tipos de “degeneração”, Hitler enxergava uma forte associação entre marxismo e judaísmo – o que ele chamava de “doutrina judia do marxismo”. Para ele, os judeus eram responsáveis por dirigir organizações secretas internacionais voltadas a fomentar

⁸ Essa é exatamente a expressão que ele utiliza, em outro vídeo, para se referir ao ex-presidente Lula. Vídeo disponível no canal de Abraham Weintraub através do seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=-j85pJL8jI0>. Acesso em: 26 out. 2021.

a revolução mundial, inclusive a Revolução Russa de 1917. Coexistia em seu pensamento uma aversão fixa dos judeus que comandavam o capitalismo financeiro internacional e o comunismo soviético. Em suma, haveria uma fusão entre antissemitismo e antimarxismo, ou “bolchevismo judeu”, pedra angular da ideologia de Hitler, na medida em que judeus e marxistas representavam a exploração do povo alemão.

A crítica às poderosas elites econômicas e políticas nos leva diretamente ao juízo superficial e conservador que o fascismo realiza sobre a economia capitalista e a democracia burguesa. Em seus vídeos, o ex-ministro critica constantemente a formação dos grandes monopólios e oligopólios, incluindo as empresas estatais que definem os preços das mercadorias a bel-prazer. Entretanto, ao mesmo tempo, Weintraub glorifica e anseia pelo retorno de um suposto capitalismo concorrencial que restituiria a felicidade, determinando a concorrência como “fundamental para a democracia”.

Dito de outra maneira, não parece haver falhas e defeitos inerentes ao capitalismo, pois Weintraub faz questão de engrandecer e glorificar, de maneira excessiva, “a maravilha do livre-mercado, o milagre que é o livre-mercado, (...) o mercado perfeito, sem interferências e sem monopólios e oligopólios” (WEINTRAUB, 2020). Além disso, dignifica o lucro, “que a esquerda tem nojo”, ao considerá-lo sagrado. O problema parece residir em alguns aspectos do atual estágio da economia capitalista. Assim, os ataques de Weintraub são direcionados às empresas estatais e a parte do grande capital que, além de absorver um setor da economia, ainda se associou com a esquerda.

A esse tipo de crítica superficial e reacionária do capitalismo Daniel Guérin (2021) dá o nome de anticapitalismo pequeno-burguês e reacionário. Segundo esse autor, o anticapitalismo do movimento fascista emerge das classes médias – assalariadas e pequena-burguesia – que, apegadas aos seus privilégios de classe, não se veem “vítimas da exploração da força de trabalho, mas principalmente da concorrência e da organização do crédito” (GUÉRIN, 2021, p. 54). Trata-se, então,

de um anticapitalismo reacionário por não atacar estruturalmente o capitalismo e por exigir que o desenvolvimento capitalista retroceda algumas etapas. Dessa maneira, embora revoltadas com a situação econômica na Itália e na Alemanha, as camadas intermediárias “sonham com um capitalismo emendado, livre dos abusos da concentração, do crédito, da especulação” e aderem ao fascismo (GUÉRIN, 2021, p. 55).

A insatisfação com a democracia burguesa e com a divisão em três poderes também se faz presente. Weintraub questiona a Constituição Federal de 1988, que originou um sistema tributário propício para a corrupção de parlamentares e governadores, e todos os “sistemas de *checks and balances*”, que deveriam impedir o domínio dos “barões ladrões” e dos ideólogos, mas que são facilmente contornados quando a corrupção entra em cena. Assim, Judiciário, Legislativo e burocratas que deveriam coibir a formação da elite endinheirada comunista, interessados em “grana”, fomentam e permitem que a engrenagem gire. É por esse motivo que “Brasília é uma corte, e aqui a gente vê a elite da Nova República circulando”⁹, um conjunto de poucas famílias, acima de todo o restante da população, que se reúnem na capital do país, onde podem se relacionar e perpetuar a manutenção do “mecanismo”.

Em síntese, em primeiro lugar, a formação de grandes oligopólios aliados aos comunistas é encarada como um desvirtuamento do sentido do capitalismo, mas não um problema inerente. Por consequência, são as elites que devem ser trocadas para que o capitalismo retorne para seu bom funcionamento. Em segundo lugar, as instituições da democracia burguesa são vistas como condescendentes com a dominação da esquerda e dos grandes grupos. Em alguns casos, como a Constituição de 1988, mais do que permissivas, as instituições são percebidas como instrumentos que compõem a dominação das elites.

⁹ Weintraub já havia proferido palavras semelhantes na ocasião da Reunião Ministerial do dia 22 de abril, que teve a gravação divulgada. “E acabar com essa porcaria que é Brasília. Isso daqui é um cancro de corrupção, de privilégio. Eu tinha uma visão extremamente negativa de Brasília. Brasília é muito pior do que eu podia imaginar. Eu, por mim, botava esses vagabundos todos na cadeia. Começando no STF.”

Por fim, o nacionalismo exacerbado, conservador e autoritário, também característico de movimentos fascistas, está atravessado pelo avanço do que designam por “marxismo cultural”¹⁰. Sendo assim, o discurso de Weintraub reproduz frequentemente a ideia segundo a qual a esquerda teria abandonado as armas e estabelecido um domínio por meio das mais diversas esferas da cultura, como escolas, universidades¹¹, igrejas, mídia televisiva e outras instituições. Sob a alcunha de comunista são considerados todos os movimentos que os neofascistas julgam de esquerda – petistas, feministas, antirracistas, LGBTQIA+, ambientalistas etc – cujo objetivo final é a destruição da civilização ocidental.

É essa compreensão de que a “esquerda” está corrompendo e ameaçando os valores tradicionais e religiosos do povo brasileiro que exerce forte influência sobre o nacionalismo bolsonarista. Um indício relevante dessa percepção é que o modelo de família patriarcal, aquela chefiada pelo “homem de bem”, derivado do conservadorismo religioso, se torna peça fundamental desse tipo de nacionalismo fascista (CAVALCANTE, 2021). Dessa maneira, o ideal de nação ressoado pelos neofascistas, ao combater e afastar do coletivo nacional todos aqueles que ameaçam a família, edifica uma suposta sociedade homogênea pautada na tradição e nos valores religiosos. Isso também ficou evidente no diálogo aberto por Weintraub na Reunião Ministerial do dia 22 de abril, na qual ele diz odiar “o termo ‘povos indígenas’, odeio esse termo. Odeio. O ‘povo cigano’. Só tem um povo nesse país. (...) Acabar com esse negócio de povos e privilégios” (G1, 2020).

¹⁰ Segundo Ernesto Araújo, em artigo publicado logo após a posse do governo, “o marxismo cultural governou por dentro de um sistema aparentemente liberal e democrático, construído por meio de corrupção, intimidação e controle de pensamento” (ARAÚJO, 2020, p. 54).

¹¹ As universidades públicas foram várias vezes qualificadas por Weintraub como “infestadas de plantações de maconha” e controladas por esquerdistas interessados em praticar “balbúrdia”. Suas falsas e absurdas acusações, as quais foram devidamente rebatidas por alguns representantes das instituições universitárias, são completamente infundadas e inverídicas, refletindo justamente sua luta contra o pensamento crítico e contra a existência de universidades públicas.

Com o fim da exposição das três forças, se encerra também a “interpretação neofascista da Nova República” oferecida por Weintraub. Nessa interpretação, o ex-ministro, ao construir a identidade daqueles que são seus inimigos, produz um diagnóstico preciso do “eles”: as elites comunistas e oligopolistas que, se apoiando em corruptos, dominam a Nova República. Contudo, logo em seguida, visando o confronto, Weintraub concebe a identidade daqueles que, por serem explorados pelas elites, devem enfrentar essas forças, ou seja, a identidade do “nós”, tema da próxima seção. Em suas palavras, “nós temos que lidar com essas três forças. Nós quem, cara pálida? Quem é explorado aqui? Quem tem sangue para tirar – a classe média” (WEINTRAUB, 2020).

Interpretação neofascista da Nova República		Elementos do fascismo que foram identificados
Mecanismo	Estrutura montada durante a redemocratização para beneficiar e concentrar o poder político e econômico nas três forças (oligarcas, comunistas e corruptos)	Anticomunismo;
Objetivo das forças	Reprodução do domínio e destruição dos pilares da família: valores judaico-cristãos e pensamento racional-ocidental	Crítica superficial e conservadora do capitalismo e da democracia liberal;
Elites (eles)	Conjunto de famílias de oligarcas, monopolistas e comunistas que se aliam numa estratégia totalitária	
Explorados (nós)	Famílias de classe média que têm ofício, valores e renda	
Massa de manobra	Conjunto de indivíduos manipulados eleitoralmente pelo ditador demagogo e desprovidos de ofício, moradia e valores	Nacionalismo exacerbado, conservador e autoritário;
Corruptos	Políticos, funcionários públicos e lobistas envolvidos em corrupção	
Nacionalismo bolsonarista	Nação corrompida pelo avanço do “marxismo cultural” e povo brasileiro cristão, conservador e de classe média	Exaltação da classe média

Quadro 1: Sistematização da “Interpretação neofascista da Nova República” e dos elementos fascistas identificados a partir do discurso de Weintraub. Elaboração própria.

3. A exaltação da classe média: destruindo o “mecanismo”

A destruição do “mecanismo” está a cargo, segundo Weintraub, daqueles que foram explorados durante a Nova República e viram seus valores soterrados pelo avanço esquerdista: a classe média. Explorada pela esquerda biliardária e inocente da situação miserável da massa, a classe média é vista aqui como bastião da democracia e defensora da liberdade por excelência. Tais características são autorizadas por uma interpretação muito particular da democracia ateniense evocada por Weintraub, que inclusive torna possível a alegação de que “a democracia surge com a classe média”.

De acordo com essa perspectiva, Atenas era uma sociedade oligárquica na qual um pequeno grupo de nobres, que tinham recursos de guerra, protegiam a cidade em casos de combate e, em situações normais, comandavam a cidade por meio da economia e da força. Tudo isso começou a se alterar com o surgimento do comércio e do artesanato, propiciando o nascimento de uma classe média também capaz de adquirir itens de guerra: elmo, peitoral, espada e escudo, conhecido como *hóplon*. Unidos em maior número do que os nobres, os indivíduos da “classe média” eram imbatíveis e se tornaram dominantes na Grécia.

É nítido que Weintraub está fazendo uma compreensão da democracia ateniense que forneça elementos suficientes para, traçando paralelos com o Brasil, sustentar que

a classe média não está lutando pela liberdade do indivíduo. (...) Eu tenho que lutar também pela família do Eduardo [Bolsonaro] e da família de cada um de vocês. Porque juntos nós não seremos escravos (WEINTRAUB, 2019).

Nesse caso, o que ele chama por Revolução Hoplita, o fortalecimento da classe média em Atenas, é o que o movimento neofascista deveria fazer para se livrar dos tiranos demagogos e

dos oligarcas contemporâneos. Assim, “o que nós estamos fazendo aqui é uma revolução assim como teve uma revolução em Atenas” (WEINTRAUB, 2019).

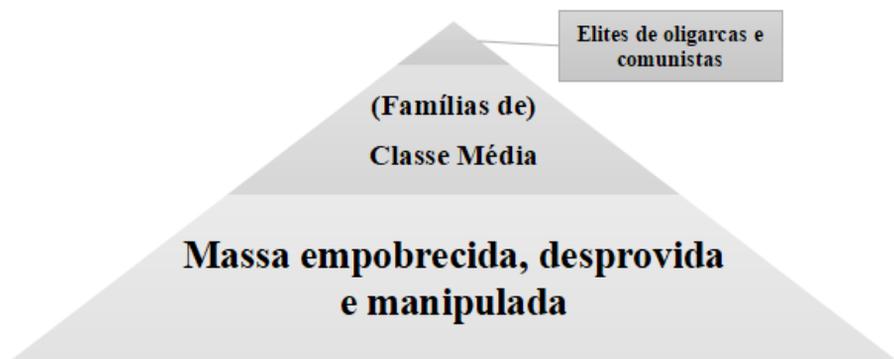
O mesmo tipo de leitura instrumentalizada e seletiva é feita com as ideias de Aristóteles. Conforme Weintraub, Aristóteles observou que uma comunidade política com extremos de riqueza e de pobreza não é capaz de formar uma sociedade de indivíduos livres, mas uma sociedade instável de escravos e senhores. Os escravos, em decorrência de suas condições de vida, possuiriam muito ódio e rancor, o que os tornaria facilmente manipuláveis por ditadores demagogos ou pelos grupos de oligarcas. De outro lado, a classe média seria imune à arrogância dos ricos e à inveja dos pobres, portanto, ela não exigiria o domínio, como os ricos, e nem aceitaria ser submissa, como os pobres. É por isso que

a batalha da educação é sobre liberdade. Um analfabeto é um escravo, ele não consegue nem andar de ônibus. Um analfabeto é totalmente guiado porque ele não consegue interpretar um texto. Quem sabe ler e escrever, não vota no PT. (...) Quem sabe ler e escrever e é autodidata acaba aprendendo um ofício. E se tem um ofício, tem renda. E se tem renda, não depende de um demagogo ficar ameaçando ‘ou vota em mim, ou corto o bolsa família’ (WEINTRAUB, 2019).

Com esse conjunto de observações, Weintraub parece erigir um ponto de vista sobre a sociedade na qual existem três posições para os agentes sociais: a) a massa empobrecida, desprovida e manipulada; b) a classe média explorada, com tradição e valores cristãos; c) as elites econômicas e políticas compostas por oligarcas e comunistas. Nessa perspectiva tripartite dos lugares sociais, Weintraub alude de maneira latente, ou não consciente, à teoria das elites, pois identifica um poder político e econômico concentrado nas mãos de poucos – comunistas e oligarcas – e um contingente volumoso de “indivíduos comuns”

que, ou serve de apoio para a dominação dos poderosos, ou deve lutar contra o domínio de “poucos” – massa e classe média respectivamente. Dessa forma, sua interpretação da Nova República parece estar orientada por essa tripla estratificação, na qual a classe média não é a grande massa que sobrevive “da mão para a boca” e nem as poucas famílias da elite econômica e política que comandam o país há anos. À vista disso, se tivéssemos que representar visualmente esse simples esboço de estratificação da sociedade, talvez o modelo mais adequado fosse um diagrama em forma de pirâmide, como reproduzimos abaixo (Diagrama II).

Diagrama II - Distribuição piramidal dos agentes em três posições sociais



Agentes sociais segundo interpretação de Abraham Weintraub. Elaboração própria com base na palestra proferida no CPAC.

Mas de que maneira seria possível repetir a Revolução Hoplita no contexto da Nova República brasileira? De acordo com Weintraub, “a gente precisa avisar para a classe média, que sobrou, que ela é naturalmente de direita” e que ela necessita do livre-mercado. Em síntese, tal qual a dominação oligárquica viria abaixo pela Revolução Hoplita, os neofascistas clamam por uma revolução capaz de derrubar a aliança espúria entre Partido dos Trabalhadores (PT) e os grupos

economicamente dominantes. Para isso, eles recorrem justamente à classe média, aquela que, conforme Paulo Guedes – ministro da Economia do governo Bolsonaro – foi “esquecida e abandonada, agredida em seus princípios e valores, e que quer ordem” (BETIM, 2018).

Ao exaltar a classe média, Weintraub traz à tona mais um elemento comum do fascismo – o papel das camadas intermediárias na formação do movimento fascista. Tal qual o fascismo original, o movimento neofascista está ancorado nas camadas intermediárias da sociedade capitalista, dessa vez no seio das classes médias assalariadas. Nesse sentido, o movimento neofascista brasileiro depende diretamente do suporte da classe média e é a elas que Weintraub direciona seu discurso. Parte da literatura sobre o bolsonarismo já havia detectado essa relação entre neofascismo e classe média ao apresentar a ideia de que uma das fontes do bolsonarismo é justamente o movimento reacionário da alta classe média que marchou entre 2014-2016 em favor da deposição de Dilma Rousseff (BOITO JR, 2018). Nessa classe se encontra, por exemplo, o núcleo da rejeição aos governos neodesenvolvimentistas e o uso seletivo e instrumentalizado do discurso contra a corrupção.

Cavalcante (2020) argumentou, com uso de pesquisas de intenção de voto, que o núcleo duro dos apoiadores de Bolsonaro, isto é, aqueles que aderiram pioneiramente à campanha presidencial e que continuaram aprovando seu governo, são majoritariamente eleitores homens de classe média. O mesmo autor já havia discutido em trabalhos anteriores (CAVALCANTE E ARIAS, 2019) que a rejeição da classe média, especialmente da alta classe média, aos governos encabeçados pelo PT se situava em três frentes: a) a percepção por parte de tal fração de que as políticas sociais eram agressões à ideologia meritocrática; b) o encarecimento de serviços domésticos e pessoais que sustentam um modo de vida de alta classe média – como faxineiras, cabeleireiras, babás, caseiros etc.; c) a desvalorização simbólica de espaços e mercadorias de uso e consumo das classes médias tradicionais – *shoppings centers*,

aeroportos e outros. Caso sintomático da repulsa da alta classe média às políticas sociais neodesenvolvimentistas é o Programa Bolsa Família, que é constantemente mencionado por Weintraub como parte da estratégia do “mecanismo” para cooptar as massas.

Em resumo, a reação da alta classe média seria decorrente do ataque à ideologia meritocrática e da perda de privilégios materiais e simbólicos de classe. Assim, ao transformar a rejeição em revolta organizada, o setor social de primeira hora do movimento pró-impeachment – a alta classe média – apostou suas fichas em um ciclo de manifestações cujo objetivo principal era a destituição de Dilma Rousseff. Foi nesse momento, segundo Boito Jr (2021), que emergiu o embrião do movimento neofascista. Rompendo com o jogo democrático, vinculada à atuação de parte da burocracia de Estado identificada com a Operação Lava-Jato e se desvencilhando do PSDB, outrora partido que ela servira de classe-apoio, a alta classe média colocava o PT e a esquerda em geral como inimigos do país que deveriam ser eliminados. Em conclusão, a classe média, ao disputar as ruas, se constituiu força social distinta, reacionária e ativa, interferindo diretamente no processo político brasileiro.

Sugerimos também que as ideias de Weintraub analisadas acima, além de direcionadas para a classe média, podem ser compreendidas como expressão da reação da alta classe média ao ciclo neodesenvolvimentista, o embrião do neofascismo. Em outros termos, o discurso de Weintraub parece reproduzir as insatisfações, as recusas e a revolta da alta classe média com os governos petistas. As políticas econômica, externa e social lhe incomodam por serem demonstrações de como opera o “mecanismo”: pelas benesses aos oligarcas, migalhas em forma de “bolsas” para as massas, dinheiro aos corruptos e poder político aos comunistas brasileiros e aos espalhados por outros países governados pela esquerda.

Nesse sentido, poderíamos afirmar que mais do que orientando um discurso para a classe média, Weintraub se reivindicava parte da classe média atacada pela frente neodesenvolvimentista e, ao nosso

ver, parece pertencer de fato a essa fração de classe. Ele mesmo afirma em uma das palestras que “eu era um de vocês na Avenida Paulista vestido de verde-amarelo”, em clara alusão às manifestações pró-impeachment da alta classe média em São Paulo. Além disso, outros aspectos de sua trajetória profissional também denotam isso, sobretudo sua formação acadêmica superior¹² e sua inserção em ocupações profissionais bem remuneradas e predominantemente constituídas por funções não-manuais, que, como sabemos, são duas características do pertencimento da alta classe média brasileira (SAES, 1985; CAVALCANTE, 2015).

Em suma, ao divisar massa empobrecida, elites e classe média e explicitar uma suposta associação eleitoral entre os dois primeiros visando extrair o máximo da última, Weintraub busca, por um lado, capitalizar o sentimento antipetista das classes médias em direção ao neofascismo. É essa leitura que lhe permite identificar a classe para qual seu discurso deve se dirigir. Por outro lado, seu discurso parece um caso exemplar de reação da alta classe média ao reformismo dos governos neodesenvolvimentistas. Desse momento em diante, o povo brasileiro, idealizado pelos neofascistas como cristão, conservador e avesso aos “privilégios das minorias”, também se torna de “classe média”.

4. Considerações finais

Neste pequeno artigo, buscamos explorar brevemente a forma pela qual os elementos que compõem a ideologia fascista, e que, portanto, se expressam no movimento fascista, se manifestam no discurso de Abraham Weintraub. Dispondo principalmente de duas

¹² Weintraub parece estar fortemente familiarizado com o ambiente universitário, uma vez que viveu parte considerável de sua vida de alguma forma vinculado às universidades. Primeiro, por ter sido filho de um ex-professor universitário; segundo por ter se graduado em Economia na USP; terceiro por ocasião de um mestrado em Administração pela FGV; quarto por ter se tornado professor de economia na UNIFESP.

palestras proferidas pelo ex-ministro da Educação, identificamos alguns desses, sobretudo a crítica superficial e conservadora do capitalismo e das elites econômicas e políticas, o anticomunismo, o nacionalismo conservador e a exaltação das classes médias. Desse modo, pretendemos argumentar que há um movimento neofascista fortemente influente sobre o governo de Jair Bolsonaro, sendo alguns de seus quadros oriundos justamente desse movimento.

Dissemos também que uma percepção adequada desses elementos deve considerar o contexto atual da formação social brasileira, e não imaginar que tais elementos seriam transplantados integralmente para uma sociedade localizada na periferia do capitalismo e sob hegemonia do neoliberalismo. Nesse sentido, o anticomunismo é reeditado sob as vestes do antipetismo; as críticas ao capitalismo e às elites são endereçadas à aliança das três forças que destruíram o país; o nacionalismo é contaminado pela ideia de “marxismo cultural”, convertendo o povo brasileiro em cristão, conservador e de classe média. Por fim, a classe média é excessivamente exaltada por Weintraub, se tornando o principal agente da destruição do “mecanismo”. É a partir da identidade “classe média” que Weintraub constrói um “nós” contra “eles”, no qual os petistas, corruptos e a elite econômica constituem os últimos¹³. Com isso, Weintraub elabora uma espécie de “interpretação neofascista da Nova República”.

Conforme a análise das palestras de Weintraub, o objetivo do neofascismo é a destruição do ciclo neodesenvolvimentista em dois de seus pilares – a) o lulismo, ou seja, o vínculo eleitoral estabelecido entre o ex-presidente Lula, seu partido e os trabalhadores da massa marginal; e b) a política econômica neodesenvolvimentista

¹³ É curioso notar que as investigações judiciais de bolsonaristas, como Zé Trovão, as quedas de ministros, como Ricardo Salles e Ernesto Araújo, e a derrubada de canais no YouTube, como o caso do influenciador digital Allan do Santos, reforçam a crença dos neofascistas de que existe o chamado “mecanismo”. Tais ações são vistas como perpetradas pelas elites que querem retirar a liberdade daqueles envolvidos com essa “revolução”.

voltada para a expansão dos campeões nacionais, que privilegiava a burguesia interna. Portanto, mais do que um antipetismo calcado no anticomunismo e na contenção do avanço de valores de “esquerda”, o neofascismo é também uma reação ao neodesenvolvimentismo e suas políticas econômica, externa e social. Assim, o neofascismo luta para implodir as bases do lulismo e da política neodesenvolvimentista.

Por fim, façamos nossas últimas considerações. As palestras de Weintraub estão recheadas de comparações entre o nazismo e o fascismo italiano com o que ele intitula “dominação da esquerda totalitária”. De nossa parte, convém tecer dois comentários. Primeiramente, seria demasiado ingênuo acreditar que um movimento político que almeje crescer e se espalhar pela sociedade assumiria ser fascista ou se inspirar em lideranças como Hitler e Mussolini. Dito de outra forma, dada a derrota do nazismo e do fascismo em termos políticos, mas também no imaginário popular, sua reivindicação seria desastrosa para qualquer movimento. Portanto, é mais vantajoso em termos políticos comparar seu adversário com o fascismo do que se assumir fascista. Assim, uma compreensão enviesada, nem historicamente fundamentada e nem cientificamente rigorosa, é manifestada pelos bolsonaristas.

Isso nos leva ao nosso segundo e derradeiro comentário. É somente um tratamento conceitual do fascismo que nos permitirá atestar que o movimento político que sustenta o governo Bolsonaro é neofascista. Em outras palavras, uma definição teórica do fascismo é mais do que necessária para que possamos, aplicando a situações concretas com diferentes condições históricas, identificar movimentos neofascistas que se afirmem opostos às ditaduras do fascismo original. Do contrário, sem um conceito preciso, ficaríamos presos aos aspectos escancarados e visualmente evidentes do fascismo. Nessa situação, os interessados em conter o bolsonarismo somente se veriam frente à reedição do fascismo quando um turbulento grupo de indivíduos erguesse suas mãos para o alto e dissesse: *Heil mein Führer*. Talvez, caso isso venha a acontecer, seja tarde demais.

Referências

- ARAÚJO, Ernesto. A nova política externa brasileira: seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores. Brasília: FUNAG, 2020.
- BETIM, Felipe. Paulo Guedes: “Bolsonaro representa a classe média, agredida e abandonada pela esquerda”. El País, Rio de Janeiro, 27 ago. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/23/politica/1534995588_943964.html. Acesso em: 16 ago. 2021.
- BOITO JR, Armando. Reforma e crise política no Brasil: os conflitos de classe nos governos do PT. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ São Paulo, SP: Editora da Unesp, 2018.
- BOITO JR, Armando. Porque caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. Crítica Marxista, n. 50, p. 111-119, 2020.
- BOITO JR, Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. Caderno CRH, v. 34, 2021.
- CAVALCANTE, Sávio. Classe Média e Conservadorismo Liberal. In: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (orgs.) Direita, Volver! : o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 177-195.
- CAVALCANTE, Sávio; ARIAS, Santiane. A divisão da classe média na crise política brasileira (2015-2016). In: BOUFFARTIGUE, P., et al. (org.). O Brasil e a França na mundialização neoliberal: mudanças políticas e contestações sociais. São Paulo: Alameda, 2019.
- CAVALCANTE, Sávio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. Crítica Marxista, n. 50, p. 121-130, 2020.

CAVALCANTE, Sávio. A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. *Calidoscópico*, São Leopoldo, 19(1), p. 4-17, 2021.

G1. Leia a transcrição do vídeo da reunião que Moro diz provar a interferência de Bolsonaro na PF. 22 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/leia-integra-da-transcricao-do-video-da-reuniao-ministerial-de-22-de-abril-entre-bolsonaro-e-ministros.ghtml>. Acesso em: 16 ago. 2021.

GRAMSCI, Antonio. *Sobre el fascismo*. Organização de Enzo Santarelli. México: Ediciones Era, 1979.

GUÉRIN, Daniel. *Fascismo e grande capital*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1978.

POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Enunciado Publicações, 2020.

SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

TEITELBAUM, Benjamin. *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

WEINTRAUB, Abraham. 1 vídeo (43 min). Palestra para o CPAC Brasil 2019. Publicado pelo canal Abraham Weintraub, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ysSiSTBCG1w>. Acesso em: 16 ago. 2021.

WEINTRAUB, Abraham. 1 vídeo (30 min). Um raio x da República Brasileira. Publicado pelo canal MBC – Movimento Brasil Conservador, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EYERdWOF0ws>. Acesso em: 16 ago. 2021.